

# TRANSFORMAÇÕES E RESSIGNIFICAÇÕES EM UMA CIDADE CONTEMPORÂNEA (CASCAVEL 1977 – 2010)

MAICON MARIANO\*

## Construções e representações regionais

Como versão preliminar, este texto é um esboço sobre as questões relacionadas aos interesses da pesquisa em desenvolvimento no programa de pós-graduação em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. O período estudado está relacionado às dinâmicas sociais e culturais dos fluxos migratórios e a relação com a ocupação do espaço urbano, vivenciados por diferentes sujeitos na cidade de Cascavel, localizada na região oeste do estado do Paraná. No decurso da pesquisa serão discutidos as formas e os usos que a população faz de seus espaços, através da constituição e práticas de assentamentos urbanos a partir das décadas de 1970 à década de 2000. Deste modo, apresento de forma introdutória representações sobre a região e cidade, interpretação que visa debater com a multiplicidade da memória da população, suas manifestações e reivindicações no espaço permeado pela luta cotidiana no fazer-se da cidade.

A população que ocupa a região oeste do estado paranaense procede principalmente de fluxos migratórios que se intensificaram em meados do século XX. Bem verdade, trata-se, de uma reocupação, considerando que nações Caingangues e Guaranis há tempos remotos lá haviam se estabelecido. O primeiro modelo de ocupação se deu com a exploração da erva mate, através de empresas internacionais, combinado com a construção da linha do telégrafo, nas primeiras décadas do século XX. A mão de obra utilizada pelas empresas ligadas ao mate, como na construção do telégrafo era amplamente de trabalhadores imigrantes eslavos.

---

\* Mestrando em História pela Universidade do Estado Santa Catarina – UDESC. E-mail: [maicon.mariano@yahoo.com.br](mailto:maicon.mariano@yahoo.com.br). Bolsista CAPES

Esse primeiro modelo de ocupação entrou em decadência com a retirada das empresas internacionais durante a crise econômica de 1929, a região oeste do Estado, tornou-se novamente a ser “desabitada”, e mais ainda, constituindo fronteiras nacionais. Assim, uma colonização regional consistente passou a ser entendida pelo Estado como necessária. Projetos nacionais e regionais como a “marcha para o oeste” nortearam a criação de novos municípios, como no governo de Bento Munhoz da Rocha (1951-1955), ao promover as emancipações municipais, incluindo Cascavel, em 1952, ao mesmo tempo em que designava as representatividades do poder público e partidárias, que vão ocupando o espaço de poder local, até então ocupado pelas empresas de capital estrangeiro.

Entretanto, o plano de ocupação do oeste paranaense percorreu o processo de loteamento e distribuição de terras administrado por empresas colonizadoras. Uma das empresas participantes deste processo foi a Companhia Industrial Madeireira e Colonizadora Rio Paraná S.A. (Maripá), do Rio Grande do Sul. Esta colonizadora adquiriu uma gleba de terras da companhia imobiliária inglesa, conhecida como “Fazenda Britânia”. Assim, a colonizadora Maripá desenvolveu seu plano de ação a partir da divisão da Fazenda em lotes de terra, cerca de dez alqueires cada, estabelecendo como critério de escolha para os moradores a vinda de descendentes teuto-germânicos. Centralizado no projeto de colonização, agricultores gaúchos e catarinenses de origem germânica e italiana apareceram como ideais para a região.

O espaço físico da cidade de Cascavel não se encontrava dentro da área de atuação da colonizadora Maripá. Deste modo, a ocupação de Cascavel não ocorreu por meio de seletividade étnica, como também, seu plano de desenvolvimento urbano. Esse modelo de ocupação através da migração de grupos étnicos vistos como forma de organização social demarcou fronteiras dentro da própria região oestina, segundo Fredrik Barth: “a fronteira étnica canaliza a vida social – ela acarreta de um modo frequente uma organização muito complexa das relações sociais e comportamentais. A identificação de outra pessoa como pertencente a um grupo étnico implica compartilhamento de critérios de avaliação e julgamento” (1998, p. 1995). Assim, para além das rivalidades entre cidades vizinhas, se percebe construções discursivas e discriminatórias entre as cidades. Mas, sem dúvida a fronteira é permeável e não implica no isolamento ou na restrição de fluxos de pessoas que se deslocam de uma

cidade a outra. A instalação de equipamentos urbanos faz com que a região possua uma significativa rede urbana entre as principais cidades.

Na escala regional poderemos encontrar em estados como Paraná e Santa Catarina, conflitos sobre as construções de uma identidade regional suprema, muito em conta dos diversos povos e momentos que reocuparam esses territórios. Pierre Bourdieu (2010) contribui para o entendimento que a construção do regionalismo ou nacionalismo tem seu principal argumento pautado nas lutas simbólicas, pois, nelas se encontram os agentes responsáveis na construção dos discursos que instituem verdades sobre esses espaços.

A região oeste do Paraná é constituída por 50 municípios, cidades que surgiram principalmente após a década de 1950, quando antes pertenciam ao território do município de Foz do Iguaçu. O mito colonizador sustentado pela memória positiva exalta a figura do pioneiro colonizador, fortunas foram construídas por homens que lá chegaram desprovidos de recursos, superaram todas as adversidades, dobraram a mata selvagem, estes sujeitos “pioneiros” eram, na verdade, agentes do progresso que derrotou o primitivismo. A memória política atribui seus valores, apreciando atores principais ao mesmo em que há a tendência de silenciar os conflitos sociais existentes em outras dinâmicas contraditórias. O interessante que as Histórias municipais partilham deste mito colonizador e por outro lado reafirmam as identidades teuto-germânicas, fundamentalmente a partir da década de 1980, há de considerar que, o decantamento na descendência alemã ou italiana, para além dos confrontos pela memória, possui uma estreita articulação com projetos turísticos para região oeste.

O historiador Benedict Anderson nos chama atenção em *Nação e Consciência Nacional* (2008) para os sentidos de Nação como uma comunidade imaginada, na qual sua existência depende de um aparato simbólico e ideológico que constroem sentimentos de comunhão entre seus membros. Uma entidade que, por excelência, é política e ao mesmo tempo produz sentidos e um sistema complexo de representações. Enquanto, a concepção de região, em especial no Brasil, não são realidades naturais, surgem e transformam-se por divisões estabelecidas pelo mundo social. De fato, para delimitar as regiões existem critérios físicos, mas o fator determinante para sua formação é a eficácia do poder atribuído, pois mesmo

havendo fronteiras naturais seus espaços são definidos no campo de disputas políticas e sociais.

### **Cascavel: “Capital do Oeste”**

A formação da cidade de Cascavel corresponde a fenômenos migratórios percebidos nas distintas regiões do Brasil principalmente após 1950, com a particularidade dos projetos nacionais e estaduais de ocupação da faixa oeste da fronteira nacional. A oferta de terras por meio de posse atraiu milhares de migrantes para região – para se ter uma ideia a população que em 1950 não ultrapassava 500 habitantes em 1970 contava com 89.417 pessoas. Neste período as pessoas que lá chegaram eram advindas principalmente do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e do norte do Paraná, neste caso é uma variável da migração direcionada para produção de café no norte paranaense. Compreendo que fluxos migratórios são movidos por diferentes sujeitos sociais, que chegaram à cidade e que, por vezes, Cascavel não era o destino previsto, e assim “mais do que trânsito de um lugar a outro, há transição de um tempo a outro. Migrar temporariamente é mais do que ir e vir – é viver, em espaços geográficos diferentes, temporalidades dilaceradas pelas contradições sociais” (MARTINS, 1997, p. 45).

O processo migratório que venho acompanhar com maior atenção na realização da pesquisa desenvolve-se em diferentes dinâmicas. Na cidade houve uma diversificação de produção econômica, causada pela instalação de indústrias e com desenvolvimento do setor terciário implicou em um novo perfil de cidade. No recorte temporal da década de 1970 para fim da década 2000, o contingente populacional, segundo dados do IBGE, passou de 89.417 para 286.172 habitantes mil habitantes. O crescimento econômico e populacional contribuiu para projeção de uma cidade polo em desenvolvimento regional, uma imagem de cidade do futuro cada vez mais foi difundida, na romântica propaganda oficial da cidade, classificada como: “Capital do Oeste”, terra das oportunidades.

Justamente foi na passagem de 1970/1980 que a população urbana ultrapassou a rural no município como no estado, além disso, prosseguiu com maior evidência, a criação de políticas urbanas para planejamento e modelamento da cidade. Um dos

fatores que contribuiu para esse crescimento, diz respeito à constituição de um entroncamento rodoferroviário, fazendo da cidade um corredor de passagem entre os Estados do sul, centro-oeste e países vizinhos. Entre os monumentos urbanos a *Praça do Migrante* é uma expressão dessa característica presentes na vida da cidade.



**Imagem 1: Praça do Migrante (1977)**

Fonte: Museu da imagem e do som

Cada placa de concreto representa uma região do Brasil, as duas maiores apontam para região sul e norte, chegada e partida. Portanto nesta pesquisa a escolha pelo objeto e tema busca construir uma interpretação explicativa sobre fluxos migratórios na conjuntura de urbanização a partir de 1977. Correspondendo as experiências sociais vividas nas trajetórias dos sujeitos históricos, de onde as famílias vieram? Como vivenciam as transformações da cidade? De que forma convivem com certas imagens projetadas aos espaços de moradia? Que relações de pertencimento mantêm com a cidade? O trabalho pretende através das experiências vividas pelos moradores representações individuais e sociais, a constituição de espaços públicos e outras sociabilidades, nas práticas que significam lugares praticados, lugares específicos.

Portanto, esse estudo na história parte em investigar temas e problemas do presente, partindo do pressuposto metodológico de que “a história não é somente o estudo do passado, ela também pode ser, como um menor recuo e método particulares, o estudo do presente” (CHAUVEAU & TÉRART, 1999, p.15), no qual, o passado, não se encontra encerrado. E nesta perspectiva é que o urbanismo, enquanto discurso difundido e prática cotidiana se localizam nesta História do Tempo Presente, como pondera Paul Ricoeur:

*É na escala do urbanismo que melhor se percebe o tralho do tempo no espaço. Uma cidade confronta no mesmo espaço épocas diferentes, oferecendo ao olhar uma história sedimentada dos gostos e das formas culturais. A cidade se dá ao mesmo tempo a ver e a ler. O tempo narrado e o espaço habitado estão nela mais estreitamente associados do que no edifício. A cidade também suscita paixões mais complexas que a casa, na medida em que oferece um espaço de deslocamento, de aproximações e de distanciamento. (2007, p. 159).*

Correspondente ao período de crescimento populacional e econômico se faz notar o crescimento de disparidades sociais, dadas às condições desiguais na ocupação de moradias, pois, como em outras cidades, o crescimento urbano não se difere da lógica de mercado capitalista para ocupação dos terrenos, o espaço, que não deixa de ser uma mercadoria, seu preço é definido conforme os investimentos públicos e privados, no qual, seus valores podem ser acrescentados em virtude da localização ou mesmo do relevo do terreno e em decorrência promove a identificação dos espaços de moradia, como bairro para ricos e bairro para os pobres, onde a infraestrutura se encontra presente na primeira é ausente no segundo. Ao mencionar os movimentos populares num âmbito mais amplo, se faz notar a importância das lutas e organizações dos movimentos sociais, na resistência frente às ocupações nas periferias das cidades, que passaram a ter maior visibilidade em meio ao panorama de afirmação de direitos urbanos durante a década de 1980. Tanto que, a Constituição Federal de 1988, passa reconhecer o direito à moradia como direito básico, ampliando esse direito para além das edificações os serviços urbanos articulados ao direito à cidade. Direitos à cidade, mas direitos subvertidos pelos projetos urbanos, ou seja, direitos formulado e transformados para à vida urbana:

*Basta abrir os olhos para compreender a vida cotidiana daquele que corre de sua moradia para a estação próxima ou distante, para o metrô superlotado, para o escritório ou para a fábrica, para retoma à tarde mesmo caminho e voltar para casa a fim de recuperar as forças para recomençar tudo no dia seguinte O quadro dessa miséria generalizada não poderia*

*deixar de se fazer acompanhar pelo quadro das “satisfações” que a dissimulam e que se tornam os meios de eludi-la e de evadir-se dela.* (LEFEBVRE, 2009, p 118)

As narrativas orais que serão utilizadas como aportes compreensíveis pensando a constituição da memória como processo que se produz e se transforma em experiência social vivida, expressando valores e significados, que permitem compreender a cidade e o cotidiano urbano sob o olhar dos sujeitos históricos que a constroem, refutando as imagens distorcidas que ocultam as diversas cidades existentes em Cascavel. Em nosso trabalho iremos lidar com homens e mulheres que se constituem socialmente como sujeitos históricos, ajustando suas realidades ao mesmo tempo em que são transformados por ela. Será imprescindível para a discussão sobre cidade de porte médio, um aprofundamento, ainda mais que os sentidos sobre o que é uma cidade de porte médio e a constituição destas no Brasil, são algo recente, processo histórico bem articulado com área de concentração da História do Tempo Presente. Esses territórios como objetos de estudo não significam que suas formações espaciais ocorrem somente a partir da organização de um espaço, mas sim de práticas de atores que se desenvolvem segundo lógicas pouco comensuráveis.

Avesso às cidades antigas, Cascavel é uma cidade nova, uma cidade de porte médio, o desenvolvimento da cidade está estreitamente ligado à construção de rodovias que iriam “encurtar” grandes distâncias entre o Sul e Centro-Oeste. É plausível que as intervenções e idealização de sua composição urbana se encontrem em símbolos como Brasília e Curitiba, assinalando um modelo de cidade a partir das balizas: moradia, trabalho, circulação e lazer, apreciações presentes na elaboração de seu Plano Diretor em 1977. A cidade como um conjunto de viveres rurais e urbanos proporcionam muitos caminhos para melhores exames, mas no caso da cidade de Cascavel, ocorreu uma descomunal urbanização em poucas décadas, é nesse processo que as relações praticadas no tempo e espaço encontram-se meu problema de pesquisa.

Por fim considero que as categorias de análise, presentes na base dessa pesquisa, deveram ser formuladas a partir do diálogo com a produção historiográfica relativa às cidades migração, políticas habitacionais, quanto a uma literatura mais geral quanto local, que tratam de temas como cidade e memória, viveres urbanos, e territórios, que anotam como os conflitos no espaço de disputa revelam fronteiras imaginárias, e constituem territórios.

## REFERÊNCIAS

- AGNÈS CHAUVEAU E PHILIPPE TÉTART (ORG) *Questões para a história do presente*. São Paulo: Edusc, 1997.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. *Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacionais*. Revista Estudo Feministas, Florianópolis, 15 (3): 336, setembro-dezembro/2007.
- BENEDICT, Anderson. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CAMPUS, Emerson. *Territórios deslizantes: miscelâneas e exposições na cidade contemporânea Criciúma (1980-2002)*. Tese de Doutorado em História. Programa de Pós-graduação em História- UFSC, Florianópolis, 2003.
- CANCLINI, Nestor. *Globalização imaginada*. São Paulo, iluminuras, 2003.
- CERTEAU, Michel de; LUCE, Gird; PIERRE, Mayol, *A Invenção Do Cotidiano 2. Moras, Cozinhar*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- DIAS, Caio Smolarek; FEIBER, Fúlvio Natério; DIAS, Solange Irene Smolarek. *Cascavel: um pedaço no tempo. A história do planejamento urbano*. Cascavel: Sintagma Editores, 2005.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. Contribuições à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio 2006.
- LEFEBVRE. Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro, 2009.
- MARICATO. Ermínia. *Política Habitacional do Regime Militar: Do Milagre Brasileiro a Crise Econômica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.
- MARTINS, José de Souza. *Fronteira: A degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucite, 1997.
- POUTIGNAT T, P. & STREIFF-FENART, S. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e seus limites de Frederik Barth*. São Paulo: UNESP, 1998.

PORTELLI, Alessandro. *Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade*. Projeto história. São Paulo, PUC / SP, nº 14, 1997.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade?* : São Paulo: Brasiliense, 2004.

SCHREINER, Davi Félix. *Cotidiano Trabalho pode: A formação da cultura do trabalho no extremo oeste do Paraná*. 2 ° ed. Cascavel: GAT, 1999.

SEYFERTH, Giralda. Imigração alemã no Brasil: etnicidade e conflito In: FAUSTO, Boris (org) *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 1999 p. 353-382.

SPERANÇA, Alceu. *Cascavel: A História*. Curitiba: Editora Lagarto, 1992.

STAMM Cristiano & SATDUTO J.A Ramundo. *Movimentos pendulares das cidades interioranas de porte médio de Cascavel e Toledo, no Paraná*. Revista Estudos Populares, São Paulo, v 25 n.1 p. 131-149, janeiro/junho. 2008.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, Editora Unicamp, 2007.

ROUSSO, Henry. *A história do Tempo Presente, vinte anos depois*. In PORTO JR., Gilberto (org). *História do Tempo Presente*. Bauru: EDUSC, 2007.

REVEL, Jacques. *Jogos de Escala. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.